A Entrevista

Sem santo nem senha

POR **JOAQUIM LEITÃO**

TENENTE SATURIO PIRES

Official da Columna de Paiva Couceiro

N.º 16 — Numero avulso 60 reis — 4 - III - 1914

Editor e proprietario: *MARIO ANTUNES LEITÃO*

Composto e impresso na **Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancella Velha, 70 — PORTO.**

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

Numero 1. — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO.
Numero 2. — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.
Numero 3. — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE.
Numero 4. — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.
Numero 5. — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA.
Numero 6. — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde.
Numero 7. — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos.
Numero 8. — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA.
Numero 9. — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.
Numero 10. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Primeira parte.
Numero 11. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Segunda parte.
Numero 12. — Entrevista com JOAQUIM OEIRAS — Historia d'uma evasão do presidio d'Elvas.
Numero 13. — Entrevista com o CAPITÃO-TENENTE DA ARMADA BRAZILEIRA SR. AMERICO PIMENTEL — Commemorando a Retirada do Sr. Bernardino Machado — A Republica Portugueza e a Republica Brazileira.
Numero 14. — Entrevista com o DR. LUIZ TELLES DE VASCONCELLOS — A fuga do presidio de S. Barnabé — Illusões e enthusiasmos.
Numero 15. — Entrevista com JOSÉ DE FARIA MACHADO, Secretario de Legação de Sua Magestade Fidelissima — Os diplomatas republicanos portuguezes — O Ministro da Republica em Londres — O Congresso Internacional de Medicina — A historia do contra-annuncio da visita do navio de guerra inglez ao Tejo — El-Rei D. Carlos e o Sr. Arriaga.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica, collaborada pelos principaes escriptores portuguezes. Reproduz em formosas e numerosas gravuras os factos mais importantes do paiz e do estrangeiro.

Assignatura annual, 2$400 — Semestre, 1$200 — Avulso, 60 reis

Pedidos ao proprietario **Joaquim Antonio Pereira Villela**, R. Martyres da Republica - **Braga**

Saturnio Pires

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 16 4-3-1914

A PENITENCIARIA DE LISBOA

A nobilissima campanha da «Vanguarda» — A confissão do sr. dr. Rodrigo Rodrigues — A amnistia — Os banidos — O corpo de officiaes do exercito — Os presos — Porque fizemos esta entrevista — A doutrina monarchica e os exercitos.

Abençoados tempos aquelles em que Portugal era *o paiz onde não succedia coisa nenhuma*, e em que o sr. João Chagas não acreditava que em Portugal se encontrasse quem fabricasse bombas!

Desfortunadamente passamos d'esse cataleptico somno da paz podre, para um turbilhão epileptico em que ainda bem se não começou a critica d'um facto, já uma avalanche de acontecimentos, qual mais grave, nos propõem assumpto e reclamam a nossa attenção e discussão.

Iamos analysando a diplomacia republicana e a nossa vida internacional sob a democracia, quando d'aquella negra inquisição, que é a Penitenciaria de Lisboa, saiu o grito lancinante de José Augusto da Silva, revelando as torturas deshumanas, os torpes abusos de poder praticados por um director que nem sequer tem a desculpa de não ser medico. Occupámos-nos do assumpto, e largámos o momentoso e seriissimo thema da questão externa, para acudir á victima do sr. Rodrigo Rodrigues.

Suppunhamos ter sido os unicos a receber essa queixa. Mas a *Vanguarda* pela penna de Silva Passos, já intemeratamente, nobremente se havia lançado na campanha que honra todos quantos d'ella partilharam. *A Republica* e a *Nação* reforçavam a informação. A' hora a que escrevêmos, o auctor das torturas praticadas em José Augusto da Silva, está ao abrigo do artigo da lei que amnistiou os abusos de auctoridade. Silva Passos continua, porém, a sua campanha. Deve continual-a, e nós estaremos abertamente ao seu lado e ao lado d'aquelles que n'ella tomarem parte. Não se trata de uma questão politica, mas de uma questão de humanidade e de honra para a sociedade portugueza e para a classe medica. Esse homem, que se chama Rodrigo Rodrigues, não tem amnistias; não ha força partidaria que lhe valha.

Tem de ser riscado do numero dos homens que podem apresentar um diploma scientifico, ou um diploma de representante do povo.

Abriga-o a amnistia?

Não podêmos leval-o aos tribunaes communs, encerral-o n'uma prisão ou n'um manicómio, como auctor de um crime nefando ou como um alienado. irresponsavel, mas perigoso que é preciso isolar?

Não importa.

Sental-o-hemos no banco dos réus, n'este grande tribunal que é a opinião publica, e verêmos se ha consciencia de homem de bem que o absolva.

E' preciso marcal-o, lembrar diariamente esse nome á execração da sociedade portugueza.

Thalamas insultou Jeanne d'Arc.

Tres annos depois suppunha o seu grosseiro insulto esquecido.

Houve homens que o lembraram á França, e Thalamas foi arremessado para a definitiva obscuridade, para a vala commum dos inutilisados.

Silva Passos queixa-se de que o abocanham, ou que se sorriem da sua campanha.

Continue a campanha, e veremos se os que hoje sorriem não terão amanhã de respeitar a justiça d'essa cruzada.

Não ha pequeno jornal nem homem fraco que não vença uma campanha justa e honrada.

A prova é que o sr. Rodrigo Rodrigues já teve de confessar os seus crimes ao parlamento, escudando-se com o diagnostico de alienado dado a José Augusto da Silva, pelo corpo clinico da Penitenciaria de Lisboa.

Esse diagnostico mais compromette o director da Penitenciaria.

Se José Augusto da Silva era um predisposto para a loucura, e o regimen cellular a desencadeou, menos perdão tem o sr. Rodrigo Rodrigues de ter reduzido o doente á vexatoria e deshumana condição de animal, que tinha, para comer, de se deitar de bôrco sobre a tijella da comida, e para se dessedentar de desandar a torneira da agua ás cabeçadas.

Se o doente precisava de ser protegido com uma camisa de forças, o director da Penitenciaria tinha o dever profissional de carcereiro, — e devia ter a consciencia de homem senão a de medico —, de o mandar alimentar.

Atiral-o para alli como um animal, é o complemento do seu crime que começou, segundo diz a informação dos jornaes de Lisboa, por levar com suggestões de malvado o pobre prêso ao delirio que justificasse a camisa de forças.

Esse primeiro triumpho moral da campanha está produzido.

O Sr. Rodrigo Rodrigues já confessou.

Continue a *Vanguarda,* que nos terá a seu lado.

Infelizmente o pouco espaço de que dispômos n'esta hora em que a vida publica é uma allucinante galopada de factos, não nos deixa hoje tratar especialmente do assumpto, do que aliás nos não despedimos, e ao qual voltaremos com documentação bem interessante.

Traz-nos hoje uma questão bem capital para os interesses nacionaes, e que nos fórça a retirar a materia escripta sobre a politica externa das democracias.

N'esta hora em que a Republica dá um tão grande golpe de morte no exercito, irradiando da *élite* militar officiaes portadores dos maiores nomes do nosso pequeno corpo de tropas—, o assumpto é evidentemente o Exercito.

A amnistia, que esvasiou as prisões, não nos permitte, pela crueldade da clausula de banimento, incluida n'um artigo da lei, e pela exclusão do exercito dos officiaes — que são grande numero das nossas

glorias militares—uma satisfação completa.

Pessoalmente, a amnistia, que nem publicamente nem particularmente solicitamos, é-nos indiferente.

Pelos prêsos, cujos soffrimentos era o nosso pesadêllo, pelos prêsos que foram, nas columnas do semanario *O Correio* e teem sido nas modestas paginas da **Entrevista** o assumpto que mais nos preoccupou, interessou-nos e alegrou-nos, felicitando-os a todos d'aqui por essa hora, tão merecida e não mendigada, que marca um intervallo nos soffrimentos que, com tanta nobreza, supportaram.

Não felicitamos, porém, o regimen nem o governo por essa amnistia cruel e incompleta, que baniu portuguezes do solo da Patria e excluiu das fileiras a flôr do nosso exercito.

O exercito tinha recebido da republica continuas machadadas, reduzindo o soldado a um indisciplinado socio da *Alta Venda*.

O exercito continuava, porém, a ter um brilhante corpo de officiaes.

A Republica, porém, para não desmentir a signa destruidora das patrias pelas democracias, parece disposta a perseguir o que no exercito portuguez ha de melhor em officiaes.

Ainda lá ficam alguns, mas por este andar não tardará muito que fiquemos reduzidos aos *jovens-turcos*.

E' o momento de irmos pensando a sério na futura reorganisação do exercito.

A doutrina monarchica é uma doutrina geral, e n'essa doutrina geral o exercito ocupa um primacial logar em obediencia a estas ideas: *maxima centralisação e corpo de « metier »*.

Estas duas ideas fundamentaes sobre o exercito estão expostas na *Enquête Sur La Monarchie* de Charles Maurras. A pormenorisação, porém, só se fará quando a Monarchia estiver a funccionar em França, porque só com ella a funccionar os monarchicos francezes entendem que podem reconhecer o exigido pelas necessidades e que é o criterio acomodado á doutrina que se chama de *empyrismo organisador*. Isso não obsta a que quem se interesse pelo problema militar o estude, procurando saber como nós, portuguezes, poderiamos ter um bom exercito de *metier*, bem centralisado na mão do Rei.

Por isso, e para consolar os que com tristeza assistem á irradiação de um grupo de brilhantes officiaes experimentados nas campanhas de Africa, e aos continuos golpes de morte dados pela republica no exercito, uma das forças da molécula nacional, — pedimos ao tenente Saturio Pires esta entrevista.

Saturio Pires é um simples tenente de infantaria.

Mas o que lhe falta em galões, sobra-lhe em boa vontade, qualidades de trabalho e amor do *metier*.

E' um dos officiaes que conhecêmos que mais tem o espirito militar, o amor da farda, a vocação da profissão.

Nem elle nem nós pretendemos n'esta entrevista, dar a definitiva pennada na futura lei da reorganisação militar.

São algumas idéas, alguns pontos de vista, que os homens de boa vontade apreciarão e estudarão, ficando abertas as nossas columnas a quem com competencia e boa intenção aqui queira estudar o assumpto que tanto prende com o bem nacional.

Exercitos Permanentes e Milicias

ENTREVISTA

COM O

TENENTE SATURIO PIRES

Como a Republica attentou contra o exercito — A qualidade e a quantidade — As forças de uma nação e os seus effectivos — Exercitos de reservistas ou de milicias — A amálgama em 1794 — Serviço na fileira a longo prazo — O exercito do Rheno de 1870 — Os grandes e pequenos effectivos — A «odiosa» caserna — O soldado moderno — Solução em presença dos orçamentos: a «elite» e as milicias — Defficiencias na instrucção e a papellada no antigo exercito da Monarchia — O culto da tradicção — Será precisa uma missão extrangeira?

Tendo nós manifestado ao tenente Saturio o desejo de ir aproveitando este periodo de destruição e anarchia, em conduzir e juntar materiaes para a reconstrucção do edificio social portuguez, segundo a *doutrina monarchica*, Saturio Pires declarou:

— Preciso confessar-lhe que não me atrevo por emquanto a dizer-me integrado nas doutrinas de Maurras. Estou-as lendo e estudando e desde já lhe posso dizer o que muita vez tenho dito para commigo mesmo: « *Mas como Charles Maurras diz tão bem idéas que eu já ha muito tempo presentia, sem as formular ou melhor sem as conjugar!* Estava, pois, preparado para abraçar a doutrinação monarchica da *Action Française*, mas ella é hoje tão complexa, tão delicada que não é com meia duzia de livros nem em meia duzia de dias que um cerebro percorre toda a vastidão da doutrina. Tenho, porém, lido o bastante para estar convencido de que as idéas da *doutrina monarchica* sobre o exercito concordam absolutamente com as idéas que ha muito tenho sobre o assumpto.

— Isso me basta. Você é official do exercito ou não é?...

— Eu a isso respondo-lhe com outra pergunta: você considera ministro de Estado os antigos ministros de Estado da monarchia? Considera Rei de Portugal, Sua Magestade o Senhor D. Manuel II?

— E' claro.

— Pois, então, não pode deixar de considerar-me official do exercito, e considerar-me com muita consideração! — rematou com bom humor o tenente Saturio Pires.

— Bem. Ora se é um official de exercito tem de ter idéas fixas, baseadas na experiencia e na observação, sobre o seu *metier*.

— Eu fui durante oito annos official de fileira, oito annos cortados apenas por um mez de licença disciplinar. Portanto, tenho obrigação de conhecer o que diz respeito á fileira.

— Venha de lá o producto da observação d'esses oito annos, e de mais estes quatro...

As duas grandes forças que a Republica quiz demolir.

— O producto da minha observação, como official de fileira, durante os oito annos effectivos da minha carreira, constituirá propriamente a nossa entrevista; porque tem de ser pormenorisado, deixal-o-hei para depois. Desde já, referir-me-hei ao que se tem passado com o exercito n'estes ultimos quatro annos. E' facil de synthetisar a obra da Republica no exercito portuguez: essa obra, teve apenas uma orientação e um alvo — enfraquecer, destruir, dominar uma das forças nacionaes: — O exercito! A consciencia de que a Republica era inadaptavel á vida nacional, fez com que a Republica, por instincto de conservação e indifferença pelo bem nacional, désse combate ás duas unicas forças que havia em Portugal: o Exercito e a Egreja. A Monarchia já lhe havia preparado esse enfraquecimento. Basta dizer-lhe que desde 1834, Portugal teve oito organisações do exercito, e principalmente a de 1884 foi um golpe profundo nas instituições militares. A monarchia já não permittia nem prestigio nem força ao exercito. Para lhe dar a medida de como os altos commandos capitulavam vergonhosamente perante a *chiada* dos jornaes *republiqueiros*, contar-lhe-hei o seguinte: um dia, já nos ultimos tempos da Monarchia, talvez em agosto de 1910, recolhia eu com a guarda das Necessidades, ao Quartel de S. Jorge. Era um dia de calor, no verão, ahi pela uma hora da tarde, quando a força chegou ao pé da Egreja da Magdalena. O capitão da guarda, para subir a encosta que leva ao Castello, mandou «á vontade». Ao attingirmos o Chão da Feira, que é já lá cima, e para entrarmos no quartel, o capitão mandou fazer o toque de *sentido*. Eu commandava o *pelotão-testa* e, ao transpôr o portão sul, reparei que o *serra filas* n.º 1 (que era o terceiro a partir de mim, na formação de quatro em que iamos) levava o passo trocado. Ora eu conhecia muito este homem que era da minha companhia. Para lhe chamar a attenção, como eu não chegava lá e elle não me podia ouvir porque iam as cornêtas a tocar, pousei-lhe a ponta da espada no hombro, e disse-lhe: «*O' rapaz! troca o passo*». A praça olhou para mim, olhou para os pés, viu que ia com o passo trocado, e sorriu-se, acertando o passo. Dois ou tres dias passados, vinha eu a sair do quartel, depois do *toque da Ordem*, quando ao chegar ao mesmo *portão sul*, o mesmo soldado vem ter commigo e pergunta-me: «*O' meu tenente! V. S.ª já viu o que um jornal diz de si?*» — «*Eu, não.*» — «*Pois alli no barbeiro está um jornal que diz*

que v. s.ª outro dia, quando vinha mos da guarda das Necessidades me espadeirou. » — « *Vae lá buscar o jornal.* » Vi o jornal: era o *Mundo* que contava que o « segundo commandante » da guarda das Necessidades (que era eu) espadeirara um pobre soldado, simplesmente por este vir a sorrir-se debaixo de fórma. E quando eu acabei de ler, o soldado volta-se para mim e diz-me: *O' meu tenente! Aquillo é que são filhos do.... diabo!* » Não julgue v. que acaba aqui o episodio. No dia seguinte, sou chamado ao commandante, o tenente-coronel Peixoto, que me perguntou logo de entrada se sabia com quem se tinha dado um incidente desagradavel na ultima guarda ás Necessidades. Já suspeitando do que se tratava, pela conversa do soldado, na vespera, respondi-lhe: — «*Só se fôr isto assim e assim...*», e contei-lhe o caso. O tenente-coronel Peixoto disse: — «*Ah! então é isso com certeza!*» E mostrou-me uma nota da Divisão, com o n.º do *Mundo* appenso, nota furibunda, quasi que mandando fuzilar o official visado, e mostrando nas entrelinhas da sua redacção um mêdo pavoroso do que podessem dizer os jornaees republicanos. Isto não era só no meu regimento que se passava. D'onde provinha isto? Do organismo militar estar minado por uma propaganda dissolvente, em que se fazia cair todo o odioso sobre a corporação dos officiaes, a quem se apresentava como tyranos, e pondo nas alturas o «*pobresinho do soldado, o escravo, o martyr do soldado!*» Isto era o trabalho preparatorio para a anarchia actual. Conseguido este trabalho de desorganisação, faltava o golpe de morte: que foi esta ultima organisação do exercito, transformando o fraco exercito permanente que tinhamos n'um exercito miliciano, que o mesmo é dizer n'um exercito de reservistas. Contra essa organisação se manifestou logo de principio uma parte da commissão, demittindo-se o general Moraes Sarmento, presidente da commissão, os então tenentes Freiria e Esteves, ficando só em campo a facção joven-turca, presidida pelo seu digno chefe João Pereira Bastos. Acompanhe agora todas estas medidas de organisação do exercito, de carbonarias dentro do regimento, dos officiaes filiados em lojas maçonicas e em nome d'essas lojas mandando, finalmente d'uma hierarchia de *formiga branca* sobrepondo-se á *hierarchia militar*, e assim terá a idéa do que hoje será o exercito portuguez. O exercito portuguez tem a sua força moral tão quebrada, que consentiu na maior das affrontas que se pode fazer a um corpo de tropas: **a substituição da bandeira da Patria pela bandeira de um partido, e vêr impassivelmente exautorada a farda d'um dos seus mais prestigiosos generaes, um dos poucos em quem os soldados falavam, o general Jayme Leitão de Castro, preso e esbofeteado pela formiga branca.** Isto mostra o estado agónico do nosso exercito. E isto manifesta-se todos os dias em episodios que dariam barrigadas de riso, senão fosse tão triste a decadencia que symbolisam. Por exemplo: por occasião de uma das Incursões, um official que estava de inspecção recebe a visita de um carbonario que lhe diz: *O' meu capitão! faça favor de me dar duas forças para isto assim, assim.* D'ali a boccado: *O' meu capitão! faça favor, mande fazer isto assim, assim.* Passados dez minutos: *O' meu capitão! é preciso tomar já providencias para...* O capitão, em vez de lhe dar dois pontapés no carbonario, á terceira vez tira a bandoleira e offerecendo-a ao carbonario, diz-lhe: *Olhe, pegue lá isto! faça você as inspecções*

e dê as ordens que entender! Aqui tem.

— Vamos agora á sua observação de official.

Numero ou valor?—A opinião de um marechal do Imperio.

— A meu ver, em materia de exercito, a qualidade deve sempre preferir-se á quantidade. Entre um grande exercito de *reservistas* (ou *milicianos*) e um pequeno núcleo de soldados do activo, *bem* trenados, instruidos, á altura do seu *metier*, bem commandados e bem na mão de chefes, *que os conheçam o que elles conheçam*, bem armados e equipados, bem apetrechados emfim, eu ópto, sem hesitações pelo pequeno núcleo. Elle representa, sob o ponto de vista militar o maximo do effeito util. Soult depunha com todo o péso da sua experiencia da arte da guerra, de marechal do Imperio e de ministro da guerra de França durante longos annos: « *Prefiro a qualidade á quantidade, porque a quantidade sempre nos tem sido fatal, e a qualidade sempre nos rendeu o triumpho* ».

O Coronel suisso Leconte completa assim os dizeres de Soult: « ... *E' preciso que o material moderno seja manejado por um pessoal conhecedor, e sob este ponto, as verdadeiras necessidades do futuro parecem-nos mal apreciadas: essas necessidades militam mais em favor de corpos restrictos de perfeita elite, do que em favor de multidões de recrutas.* » « *Os exercitos de reservistas*, diz o general *Mailrot*, são exercitos de decadencia, *pois são o indicio de que a nação não tem a virilidade necessaria para aceitar corajosamente o imposto de serviço activo, tal como as circumstancias o exigem* ». Effectivamente assim é. O *reservista* — e eu ainda estou considerando o *reservista do activo* — muito bom soldado que elle o houvesse sido na fileira, perde, pelo simples motivo de ingressar novamente no seio de familia, uma grande parte, a maior parte mesmo, das suas qualidades de soldado. Póde não ter esquecido o manejo da arma, mesmo as suas pequenas particularidades de variada instrucção, que recebeu no regimento, mas foi-se-lhe a *endurance*, com que se resiste ás grandes marchas e ás noutes successivas de bivaque. Foi-se-lhe o espirito de disciplina, de camaradagem, de decisão, de sacrificio, que só a *odiosa caserna* dá. Depois toda a sua educação moral está esquecida: novos habitos o tomaram —, e o que na fileira elle levava a rir, será para elle agora um *grande incommodo* e uma *tremenda massada;* as longas e ennervantes horas em vedêta, as grandes soalheiras e os grandes frios, etc. De resto, a guerra hoje em dia é, sobretudo, uma lucta de forças moraes, unicas que são bastante poderosas para aguentar o combatente no fôgo e em todas as vicissitudes da guerra. Só as forças moraes darão a consistencia d'alma sufficiente para dominar o terror que o invade.

A força moral nos combates — O capitão Camacho.

— Como define, pois, o critério militar em combate?

— *Ardant du Picq* definia-o por estas palavras: « *Os combates são terriveis scenas de grande espectaculo, cujos actores, — heróes aos olhos dos profanos — não passam de pobres diabos, movidos pelo mêdo, a indisciplina e o amor proprio.* » Raro é aquelle que em fôgo consegue abstrair completamente de que tem corpo e de que as balas furam.

— Tenho ouvido contar que o capi-

tão Jorge Camacho, que não tem fama de medroso...

— Antes pelo contrario...

— E que conta dezoito ou dezenove combates, é o primeiro a declarar que nunca ouviu romper o fôgo de uma batalha que se sentisse á vontade e não repetisse entre si: « *Mas quem me manda a mim metter n'isto.* E' claro que passados os primeiros tiros, o capitão Camacho tinha dominado completamente essa primeira impressão.

— Nas cargas de cavallaria é já tradiccional ouvir-se antes de romper a carga o bater dos estribos, pelo tremer das pernas dos cavalleiros! A meu ver o verdadeiro valente é aquelle que consegue dominar os seus nervos e lhes ordena: *Meninos! para aqui é que é o caminho!* e vae, e avança.

— E' o caso de Henrique IV: *Ah! carcassa, tu tremes vil carcassa? Pois ainda não sabes onde te vou levar.* E não consta que o *pannache* de Ivry se haja afastado jámais do *caminho da honra.*

— Esse poder de dominar a carcassa, esta alta noção do dever, só se adquire por uma solida educação moral, por longos annos de perigo tambem, e por essa força sobrehumana que não é só uma palavra — *A disciplina.* Quer vêr o poder da disciplina? Em Essling, 1809, Lassale carrega com uma divisão de cavallaria sobre a infantaria austriaca; tinha enquadrado os seus recrutas entre os veteranos das campanhas da Republica, para assim dar maior solidez ao choque. Quando ainda avançava a trote sobre as posições inimigas, notou uma certa indecisão entre os soldados noviços, proveniente do terrivel fôgo já executado pelo inimigo. Estava a uns 100 ou 90 metros da linha de fôgo austriaca. Lassale manda fazer alto, abrir fileiras, e vagarosamente passa revista a cada soldado, um por um, notando-lhe as incorreções de fardamento, de equipamento e do arreio. O inimigo alvejava-o; mas nem uma bala o roçou. Só depois de debaixo de fôgo ter disciplinado a sua tropa é que carregou, segundo o seu costume de sabre alto, e cachimbo na bocca, arrastando com o seu exemplo a divisão, tendo já com aquella rude prova os recrutas attingido a firmeza e o valor de veteranos. Só as forças moraes são, pois, bastante poderosas para aguentar o combatente no fôgo. Como quer você que o pobre reservista, em geral casado, e com filhos, que largou todos os seus interesses lá longe na terra, que vê de repente trocada a paz da sua aldeia pelo inferno d'uma campanha, tenha a energia moral sufficiente para levar até ao fim o cumprimento do seu dever?... Capaz de um impulso é, sem duvida; mas capaz de um impulso tambem o é o recruta hontem alistado e hoje mettido na linha de fôgo, mal sabendo carregar e tirar a linha de mira. Mas venha a primeira contrariedade, o primeiro fracasso, e vel-o-hemos cahido, sem energia, prompto ás maiores vergonhas e ás mais completas debandadas.

Os exercitos da Convenção.

— Então o reservista é um valor na acção militar?

— Não. Mas os exercitos tornam-se tanto mais temidos quanto maior é o numero de soldados do activo que contêm. Por isso, todas as potencias militares se preoccupam com o enquadramento do reservista: ou seja fundindo-o n'uma proporção razoavel nos elementos do activo, ou ainda construindo com elle *unidades de reserva* que não vão logo ao fogo, e que

se approximam do campo de batalha, a pouco e pouco, sendo fortemente enquadrados por um grande nucleo de graduados: cabos, sargentos e officiaes.

— Emile Olivier, n'um dos seus estudos, concluia que o exercito verdadeiramente forte será aquelle que se encontra em pé de guerra pela simples chamada das licenças e sem a incorporação de nenhum reservista, porque o reservista, mesmo exercitado, é sempre um mediocre soldado.

— E' isso mesmo. Os exercitos de reservistas são exercitos de decadencia. O periodo brilhante para os exercitos da Revolução só começa depois da Convenção, em 8 de Janeiro de 1794, ter, emfim, confirmado a proposta de Dubois-Crancé, feita no anno anterior, ordenando a *amalgama*, isto é, a fusão do velho exercito da monarchia com os pseudo-voluntarios, vindos para a fileira de 1791 em deante.

— Porque lhes chama *pseudo-voluntarios?*

— Olhe, Romagny dá-lhes o nome de *réquisitionnaires*, e por isto: a lei de 1791 ordenava a creação de um *exercito auxiliar* de 100.000 voluntarios, alistados por um anno, a partir do 1.° Dezembro, os quaes deveriam ser grupados em 169 batalhões de 574 homens cada. Pois sabe quantos batalhões se poderam constituir? Só 60! O voluntariado não deu para mais.

— Nem mesmo a *patrie en danger*.

— Nem mesmo a patria em perigo. E chegados a 1 de dezembro de 1792, isto é, após Valmy, os *voluntarios* desertaram em massa para suas casas. Depois de varias e infructiferas tentativas de manter o principio altamente proclamado de *voluntariado*, a *Assembléa Legislativa*, e depois a *convenção*, começou a ordenar a incorporação da *Guarda Nacional*, para completar os effectivos, nas unidades de voluntarios e até no exercito activo. Tinha, portanto, acabado de facto o *voluntariado*, quando a Convenção, em agosto de 93, ordena o levantamento da França em massa, e assim repelle o extrangeiro, com um exercito de perto de 1 milhão de homens.

— E que tal era o estado d'essas tropas?

— Cahotico. Dizia, depois, o marechal Gouviou S. Cyr: *Sob o ponto de vista militar, os primeiros annos da Revolução constituem um periodo de perturbação e de desorganisação: o antigo exercito desagréga-se, o novo atravessa um laborioso periodo de incubação.* As tropas não tinham cohesão. Eram capazes de um grande *élan*, como com *Kellermann*, em Valmy, mas sem consistencia alguma. Os panicos não foram poucos, principalmente na campanha *d'Argonne* em 15 de setembro de 1792, com Dumouriez.

Uma continencia de Napoleão.

— Conte em resumo, faz pavor.

— Os soldados de Chazot, batidos nos dias precedentes, vendo-se atacados pelos hussards prussianos, julgam-se cercados, perdidos, e gritam: *traição! traição!* Forma-se o panico e panico foi elle que percorreu o exercito todo.

— E a *amálgama?*

— Decretada em 1794, a *amálgama* constitue as meias-brigadas que hoje correspondem ao regimento de infantaria. Em cada meia-brigada, dois batalhões por pseudo-voluntarios, e um por um antigo batalhão de linha. Algumas d'essas brigadas tornaram-se depois celebres n'esse periodo brilhante, que vae até á proclamação do Imperio, com *Moreau*, com *Hoche*, com *Desaix*, com Bonaparte. Deante d'uma d'ellas, Napoleão, então pri-

meiro consul, se descobria sempre que a passava em revista, tamanha era já a differença entre os veteranos de Arcole e de Marengo, e os recrutas de Argonne.

As divisões de Augereau e de Massena nas campanhas de Italia.

— Pode exigir-se sensivelmente mais do soldado veterano que do recruta?

— Sem duvida. Quer ver quanto se pode exigir de tropas já trenadas, cheias da vontade de bem servir, com largos annos de serviço na fileira? No periodo das batalhas de Sonato e Castiglione, a divisão Augereau é enviada de Mantua para Brescia. Em 30 de Julho de 1796 percorre 50 kilometros, simplesmente o dobro de uma *étape* de infantaria; em 31, 54 kilometros, sob um calor torrido, — isto é, 104 kilometros em 36 horas. Em 13 de Janeiro de 1797, a divisão Massena parte de Verona á noite, para soccorrer Joubert, em Rivoli; 25 kilometros de *étape*. Chega em 14, ás 9 da manhã, marchando toda essa noite; bate-se todo o dia; e á noite, marcha para Mantua. Marcha toda a noite de 14 para 15, e só attinge Roverbello (perto de Mantua) de 15 para 16; sessenta kilometros de *étape*. Para descansar, na manhã seguinte, toma parte na batalha de Favorita, tambem perto de Mantua. Cito-lhe estes exemplos, não só para lhe mostrar o que se pode exigir de tropas aguerridas e trenadas, como tambem para que veja a enormidade dos esforços exigidos ao soldado em campanha.

O exercito do Rheno em 1870.

— Ha muita gente que, para condemnar o exercito com longa permanencia na fileira, cita o exemplo do exercito do Rheno em 1870.

Uma pagina epica, da campanha da Criméa.

— São profundamente injustos e profundamente ignorantes. O soldado do Segundo Imperio tinha altissimas qualidades profissionaes; simplesmente foi mal dirigido. Reichsoffen, Rezouville, S.t Privat, Sédan e Metz nunca foram vergonhosos para o soldado, que n'esses combates deu mostras d'uma grandeza d'animo e d'um espirito de corpo que attinge o epico. A Guarda Imperial era na verdade um corpo de *élite*, e não só uma *tropa de parada* como muitos pretendem. Não tinham elles sido os bravos da Criméa e de Italia?

— Que linda, que commovente pagina escripta pela bravura e pela consciencia militar d'esses bravos em Sebastopool! Lembra-se? O contigente mais antigo dos combatentes, o de 1847, tinha acabado o tempo. Tinham já chegado os navios com os que iam substituil-os. O general reuniu-os, e disse-lhes: « *Podeis retirar-vos immediatamente a vossas casas; mas vós sois os soldados mais fortes, mais aguerridos, os que sempre deram o exemplo. Sois precisos ao exercito!* » Todos, sem excepção, ficaram. Para o assalto eram precisos duzentos voluntarios, que estivessem dispostos a morrer. O general encarregado do primeiro assalto, reuniu as suas tropas, e disse-lhes: « *A'manhã darêmos o assalto. A tésta da columna será destruida, mas a cauda transporá o obstaculo. Para compor essa testa de columna, são-me precisos duzentos homens. A recompensa dos sobreviventes será a inscripção d'estas palavras, na sua folha de serviço: — voluntarios ao assalto de Sebastopool.* O quarto do effectivo presente, ou seja quinhentos e ses-

senta officiaes e soldados, inscreveu-se imediatamente.

— Veja você se a soldados « bisonhos » se podia arrancar um episodio d'essa grandeza! A reforçar a minha asserção sobre o exercito francez de 70, ha as opiniões de Niel, Langlois, e as verdadeiramente insuspeitas de Changarnier, de Gambetta, do proprio principe Frederico Carlos, da Prussia, commandante do 2.º exercito allemão, e emfim a do general allemão Mauteuffel. Quando no Quartel General prussiano, em frente de Metz, Mauteuffel, vê desfilar o exercito francez prisioneiro, tem esta phrase: « *Quando vi combater este exercito sempre com o mesmo ardor, embora sem attingir o objectivo dos seus esforços, imaginei que este exercito estava na mão d'um chefe animado d'um espirito superior. Quando soubémos o que era Bazaine, dissemos: este exercito valia muito mais do que qualquer exercito prussiano!* »

A qualidade é verdadeiramente o numero — Campanhas de Napoleão.

— Dentro de certos limites você é partidario do numero ou da qualidade?

— Pela qualidade. Eu bem sei que, hoje em dia, a preoccupação geral é avaliar as forças de uma nação pelos effectivos de que dispõe. Ora isto já dizia Marmout e o Bougeaud que era um erro. Antes ter poucos soldados, ageis, activos, infatigaveis, disciplinados pelo sentimento do dever, e bons atiradores, constituindo emfim um bom instrumento de guerra, do que um exercito immenso, mal instruido, mal disciplinado e mal trenado.

— Mas melhor seria ter um exercito *numeroso* e *bom*.

— Qual é o orçamento d'um pequeno Estado, como o nosso, que resiste a isso? Ter um exercito numeroso não é só ter soldados: é tambem ter o correspondente armamento e equipamento; uma mobilisação seriamente organisada, as viaturas equivalentes, e os equivalentes serviços auxiliares, o gado preciso, emfim, toda essa infinidade de coisas de que um exercito necessita para estar prompto a entrar em campanha. Depois pense em todos os serviços da rectaguarda, d'um grande exercito: reabastecimento de viveres, de munições, de calçado, de fardamento e armamento; pense na evacuação dos feridos, no preenchimento das falhas nas fileiras que combatem; entre em linha de conta com os progressos constantes no armamento, e portanto na renovação periodica de todo o material de infantaria e de artilharia, e dos serviços auxiliares: telegraphia, material sanitario, etc., emfim, um renovar incessante que se é pesado para as grandes nações, quanto o não será para os pequenos Estados. Nunca paizes como Portugal poderão pensar n'um grande nucleo de tropas, nem mesmo jámais dispuzemos, pois que os effectivos com que entramos nas *guerras da Peninsula* não ultrapassaram cincoenta mil homens, se tanto, de *tropas activas*.

— Então, para nós, portuguezes, pequenos exercitos?

— Sem duvida. Os pequenos exercitos, quando bem commandados, e quando á altura da sua missão, são bem mais manobradores do que as grandes massas que em geral são falhas de consistencia. Veja o meu amigo o *Exercito de Italia*, de Bonaparte, (1796 a 1797) isto é, no periodo mais brilhante das campanhas napoleónicas. Nunca ultrapassou 45.000 homens. Em 1805, em Austerlitz, Napoleão bateu 120.000 austro-russos com 80.000 homens. Em 1814,

bate-se vantajosamente contra 250.000 alliados.

— Não deve comtudo esquecer que ahi foi o genio de Napoleão que até certo ponto suppriu a má qualidade das tropas.

— Mas isto não se deu só com Napoleão. Davout em Auerstadt, (que foi a *batalha principal* e não Iena) com 26.000 francezes bate 66.000 prussianos; e como Davout, Mortier, e como Mortier outros tantos. Tudo está, pois, na qualidade das tropas, e nas aptidões, e decisão do chefe. Napoleão já era Napoleão, *o Grande*, quando em 1812, atravessa o *Niemen*, para invadir a Russia. Levava um exercito enorme para o tempo: approximadamente 642.000 homens, de tropas hecterogéneas e de qualidade inferior, muitas d'ellas. D'estes 642.000 homens, chegarem á batalha da Moscôva 150.000! Pois, diz Jomini que, se ao passar o *Niemen*, Napoleão se tem limitado a levar 250.000 homens de tropas, como as do primeiro corpo (Davout) teria conseguido o seu gigantesco designio. Ora, Davout tinha, sob as suas ordens, as lendarias divisões Gudiu, Friant, Morand, e Desset, as rijas tropas veteranas de Auerstadt, e da guerra de Hespanha. Eu prefiro pouco mas bom. Deixar lá a mégalomania dos nossos jovens-turcos pensar nos taes grandes exercitos de 100.000 ou 200.000 homens.

— Mas elles não fizeram já uma mobilisação formidavel, quando foi da 1.ª Incursão Monarchica? O *Seculo* chegou a falar em 100.000 homens!...

— Essa mobilisação constou de chamar os homens aos corpos, e, á falta de mais marcial distinctivo, pôr-lhes na lapella uma fitinha verde e encarnada. Armas, equipamentos e fardamento não havia! Até o rancho lhes faltou, e as casernas foram para muitos os bancos e as pedras do Rocio.

O soldado portuguez.

— Ainda assim, em caso de guerra, com que pretendem os *jovens-turcos* da Arcada e de *S. Bento* constituir esse grande exercito?

— Com *milicias* e *reservistas*, pois de outra coisa não passam actualmente os nossos soldados, que triste é dizel-o, nem sabem marchar, nem estacionar, nem combater, *eternos recrutas*, como são. O nosso soldado é indubitavelmente um magnifico soldado: pouco decorativo é certo, mas sobrio, valente, audacioso, disciplinado quando o sabem disciplinar, e soffredor. Em resumo, magnifico soldado, fosse em que nação fosse.

— E n'esse conceito teve sempre a Europa o soldado portuguez!

Wellington e o soldado portuguez — A nossa «gloriosa infantaria negra».

— Para a campanha de Waterloo, é sabido que Wellington quiz levar um reforço de quinze mil dos nossos soldados, tal era a bellisima impressão que d'elles levára da guerra da Peninsula. E' extremamente curioso ver a maneira judiciosa e progressiva com que tanto o Duque de Ferro como Beresford porém empregando pouco a pouco as nossas tropas, de modo a tornar os inexperientes, embora bravos soldados do Vimieiro, da Roliça e do Bussaco, nas aguerridas tropas de Victoria, dos Pyrinéus, de Bayona e de Toulouse. Ainda depois, em 1854, quando se trava a guerra da Criméa, bastantes instancias foram feitas junto do governo portuguez para fornecer de dez a quinze mil soldados que deviam ser, salvo êrro, commandados pelo Saldanha, levando por chefe de Estado-Maior o general Barão da Luz.

— Ainda outro dia o Conselheiro Ayres d'Ornellas me contou o que

Lord Raglan respondeu no quartel-general inglez a um grupo de officiaes francezes que lhe exaltaram a bravura e o *entrain* dos Zuavos de *Bosquet*, em Alma. O generalissimo inglez que tinha servido como official, no quartel-general de Wellington, durante a Guerra Peninsular, declarou: « *Superior a isso tudo, e eu nunca vi nada mais bello, foi o assalto á brecha de S. Sebastian, pela « infantaria negra »* portugueza.

— Ah! isso diz respeito cá ao meu « Caçadores 5 ». Foi em 25 d'agosto de 1813; apesar do terrivel fogo da defeza, e após quatro assaltos repellidos, e mais de trez horas de lucta na brecha, duzentas praças de *Caçadores 5*, commandadas pelo tenente Manuel Joaquim de Menezes...

— Seria parente do tenente Victor de Menezes, da *Columna da Galliza*?

— Era tio-avô de Victor de Menezes, e commandou depois nas Campanhas da Liberdade o batalhão de *Voluntarios da Rainha*. Mas dizia eu, duzentas praças de *Caçadores 5*, commandados pelo tenente Manuel Joaquim de Menezes, sob uma verdadeira tempestade de metralha, atravessam o fôsso com agua pela cintura, na mesma boa ordem como se fossem em exercicio, e, perante enthusiastico assombro de todo o exercito inglez, lançaram-se ao assalto da brecha, obrigando a Praça a capitular. Junte a isso os nossos soldados da *Legião Portugueza*, de quem Napoleão I dizia ao Conde de Ega, aqui em Paris: « *Vós tendes os melhores soldados da Europa* ». Modernamente, o nosso soldado tornou a assombrar todos os exercitos da Europa, com as nossas gloriosas campanhas d'Africa, desde Mousinho, Galhardo, e Ayres d'Ornellas a Roçadas e João d'Almeida. Mas muito bom soldado que elle seja...

— E é! chega a ser um crime de lesa-patria não aproveitar como se deve essa excellente materia prima.

— Mas por muito boa que ella seja, como qualquer outro soldado precisa tempo para *se fazer*. Não basta a bravura para se ser soldado. E' uma coisa que sempre me faz sorrir esta theoria da reducção do tempo de serviço na fileira. Não ha nada que a defenda: nem a instrucção militar na Escola primaria, nem as taes sociedades de *pic nic* conhecidas pelo nome de *Instrucção Preparatoria* — nada e nada. Pois se já no começo d'este seculo, quando as batalhas e os combates começavam e nos escassos 600 metros, em que as formações de combate eram densas e profundas o tiro de infantaria era d'um emprego reduzido, devido ao fraco rendimento da espingarda de carregar pela bocca, em que tudo finalmente se cifrava no lemma — *le fusil n'est que la mande de le beuyonette* — já a esse tempo se apreciava o soldado antigo, batido e trenado na fileira. E então hoje, que a physionomia do campo de batalha é desconsoladora, e sem um excitante para o enthusiasmo, que o soldado precisa de uma grande iniciativa individual, de um conhecimento exacto do seu officio, de uma solida educação civica, e de uma rija tempera moral, que o habilite a resistir sem fraguejar ao fôgo que vem lá de longe, de 1.000, 2.000 e até 6.000 metros, sem se saber d'onde, ás *raffales* violentas da artilharia e das metralhadoras, em que as formações são tenues, pondo o soldado n'um relativo isolamento, hoje, hoje ainda ha quem venha apregoar os *mirificos resultados* da via-reduzida na fileira.

— Valha-os Deus!

O decantado exemplo da Suissa.

— A Allemanha é certo que tem

dois annos de serviço na fileira para a infantaria e para a artilharia montada. Mas se assim o faz é pela necessidade proveniente do seu até agora excedente de população. Mas veja o solido enquadramento do regimento de infantaria allemã: quasi 400 cabos e sargentos, grande parte d'elles readmittidos, fóra os officiaes.

— E a Suissa?

— Até na propria Suissa se desenha a tendencia para abandonar o systhema miliciano que lhe não asseguram, queixam-se elles, a solidez de tropas para manter a sua força da neutralidade.

— E é a Suissa e é a Allemanha!... De modo que você acha que são poucos os tres a quatro mezes de recruta, com que o nosso soldado é instruido, pela ultima organisação do exercito, não é verdade?

A «odiosa» caserna.

— Decerto. Esses tres a quatro mezes seriam sempre insufficientes, mesmo que o nosso exercito dispuzesse de um acceitavel quadro de graduados, quanto mais tres mezes de recruta levada *á la diable* por um pessoal de todo insufficiente, tão provadamente insufficiente que pela ultima organisação militar o quadro dos officiaes, sargentos e cabos dos nossos regimentos foi pavorosamente reduzido. Depois, bem sei que veem as sabatinas das *Escolas de Repetição;* mas essas toda a gente sabe que não passa d'uma pura *chuchadeira*, para o Zé ver.

— Como as antigas manobras do outomno!

— Tal qual. Nenhuma instrucção de recrutas valerá coisa que preste senão quando fôr *individual, progressiva, cuidadosa e methodica*. Tudo o mais será fazer estatuas com pés de barro. Ora, segundo estas bases não é em tres mezes que se ministra a um soldado a instrucção com armas, a theoria e a pratica do tiro da carreira, a gymnastica, a avaliação das distancias, o tiro de guerra, e o serviço de campanha. Mas ainda que tudo isso fosse possivel, — ensinar em tres mezes — que não é, digam lá os nossos *turcos* o que disserem, faltaria ainda insufflar na alma do soldado a educação moral, a noção do dever, o espirito de sacrificio e o amor da farda e da profissão. E esse valor moral só se conseguirá e só se desenvolverá com uma longa permanencia na fileira. Os trabalhos, as fadigas e os perigos partilhados e soffridos em commum, fazem nascer entre os soldados do mesmo regimento esse espirito de camaradagem e de fraternidade que, ajudado pelo grande laço moral de disciplina, chega a tornar todos aquelles rapazes, outr'ora desconhecidos uns dos outros, como pertencendo a uma mesma familia: o regimento e o quartel. A principio, todo o recruta o olha com certa apprehensão a *praça velha*, o cabo, o sargento e o official.

— Coitado! vem *bizonho*, não admira!

— Mas a pouco e pouco torna-se confiante: O official impõe-se pelo seu exemplo, pelo seu conhecimento do *metier* e pela sua educação. O mêdo desapparece, as dedicações e o reconhecimento despontam, e vem o respeito e a affeição. E não calcula como o nosso soldado se affeiçoa ao official! Poder-lhe-ia citar exemplos sobre exemplos; só um, porém, lhe lembrarei — essa grande alma do soldado que se chamou Faustino, a sombra fiel e amigo do Couceiro.

— Faustino era, de facto, o typo perfeito do soldado, mas a sua figura é uma prova de que os grandes soldados só se formam com a disciplina.

— Tem você razão. Não é com *pançadinhas*, com *mãosadas* e com abra-

ços de ministros da guerra aos recrutas, nem dando cigarros aos soldados, pedindo-lhes lume, fraternisando com elles em banquêtes *democraticos*, que se affirma essa disciplina — base essencial de todo o exercito que se préza e digno d'esse nome. (*E o tenente Saturio accrescenta:* Quem quizer que enfie a carapuça ! Mas deixemo-nos de coisas tristes!

— Vamos adeante!

— Depois veem as theorias, em que se desenvolve o culto da honra, da disciplina, da bandeira e do patriotismo; em que o recruta aprende a pouco e pouco os feitos dos soldados dos tempos passados, os seus actos heroicos, a sua morte gloriosa, — a vida de todos os dias e o ensinamento da tradicção a augmentar-lhes o amor pelo *N.°* do seu regimento. Mas para isto tudo é preciso tempo! E' um persistente trabalho de diligente formiga, trabalho que exige espirito de continuidade e tambem alma da parte do « instructor » que ao mesmo tempo é um educador. São mezes e mezes, annos e annos, pode crer.

Bases sobre que deve assentar o exercito portuguez.

— O que convirá, pois, ao nosso paiz em materia de organisação militar?

— Sendo por um lado os *exercitos de reservistas* o que já viu, e não podendo tambem os nossos recursos financeiros aguentar com as continuas despezas d'um numeroso exercito activo, a meu ver, resta-nos uma solução que está em perfeita harmonia com as condições especiaes do nosso paiz. Primeiro: termos um maior ou menor nucleo de tropas, mas solido, constituindo o exercito permanente ou exercito activo; segundo appoiar esse nucleo pelas reservas do activo e por milicias regionaes. Trataremos em primeiro logar do nucleo do exercito permanente, que a meu ver deve ser constituido por *tropas absolutamente escolhidas*. Chamemos-lhe, pois, *élite*, para gastar menos palavras. Os recursos não permittem que se tenha mais de uma divisão? Pois ter-se ha *só uma divisão*, mas essa *completa*, com os seus effectivos de mobilisação, armada, equipada, fardada e apetrechada, emfim, promptamente mobilisavel. A pouco e pouco, os recursos vão augmentando? Pois augmentar-se-ha progressivamente um batalhão, um regimento, uma brigada, uma outra divisão, para juntar ao nucleo, *d'élite*. Isto é obvio, segundo um programma militar, *séria e patrioticamente estudado*, e sob a condição expressa de que aquillo que se organisar de novo deve logo contar com todos os seus elementos para entrar rapidamente em campanha. *Exercitos esquelêtos* só servem para despeza.

— E como recrutar essa *élite*?

— Devo observar-lhe mais uma vez que estou aqui tratando de pontos de vista muito geraes, vagos, e absolutamente pessoaes, e não entrando em pormenores. Ainda assim dir-lhe-hei que esse ponto do recrutamento tem de ficar muito vago, só o futuro podendo indicar a linha de conducta a seguir. O essencial, porém, a fixar é o seguinte: *nada de instrucção militar — para o élite*, é bom repetir —, *de via-reduzida. Permanencia na fileira, por tempo não inferior a tres annos. Recrutamento: voluntariado?* Recrutamento *escolhido entre o serviço obrigatorio?* E' um ponto que deixo em suspenso. O essencial é *longa permanencia na fileira*. O que se quer é ter soldados que sirvam entre os 20 e 30 annos, solteiros, fortes, homens absolutamente feitos, dos quaes haja o direito de exigir os maiores esforços. Regimento de

creanças, e tanta vez de creanças rachiticas —, *de forma alguma!* Seguindo as pisadas do que se ia fazendo cá fóra, copiando ser vilmente tudo o que, de bom e mau, no extrangeiro era moda, desde os uniformes ao espirito das instituições militares, nós fômos reduzindo o serviço activo na fileira, de 7, a 5, a 3, a 2 annos, e agora a... tres mezes!!! D'esta progressiva dynamisação do serviço na fileira diz *Maitrot*: « *Desde a guerra de 70, a França tem tido tres leis militares. A lei de 1872 instituindo o serviço de cinco annos; a lei de 1889 que lhe substituiu o serviço de tres annos; emfim, a de 1905 que o reduziu a dois annos. Pois d'estas tres leis, era a primeira a melhor, porque dava á França um exercito incomparavel* ». Tambem nós podemos dizer quasi o mesmo.

O antigo exercito da Monarchia.

— Mas então o antigo exercito da Monarchia estava realmente á altura da situação.

— De forma alguma. Terminada a instrucção da recruta, que as mais das vezes era deficiente e *viciosamente ministrada*, o soldado era dado *prompto*. E entrava de cabeça n'essa coisa hedionda, enervante e relaxadôra, que se chamava o serviço interno do quartel e o serviço de guarnição: guardas, piquêtes, fachinas, guardas-de-honra, funeraes, etc., etc.; e só lá de longe em longe uma triste *escola de companhia*, arrastada e mólle, d'onde se sahia a abrir a bocca com somno, perante... tanta inutilidade.

— Estavamos, pois, já a pedir vida nova.

— Estavamos. De facto, os regimentos não eram regimentos mas simples archivos de papelladas. O papellório chegava e chega a ser n'aquelle desgraçado paiz uma verdadeira instituição.

— Quer saber? No dia 8 de outubro, uma ordenança de cavallaria, montada, que estava á porta do Ministerio da Guerra e recebendo um officio, para ir entregar, mostra-o a um camarada e diz-lhe: *continua o papellório!*

— Tem graça, e é verdade. Não havia 27 regimentos de infantaria e 6 batalhões de caçadores, mas tão sómente 33 secretarias, com muitos *funccionarios* e *mandarins*, a esgaratujar notas, a conferir *mostras*, e presidindo conscienciosamente aos complicados leilões de espolios. Uma profunda remodelação, nos nossos costumes militares se tornava, portanto, urgente. A Republica podia ter enfiado pelo bom caminho, mas, sectária, destruidora e anarchica, como é, em logar de curar o mal aggravou-o, porque se limitou a ir metter a desordem e a indisciplina, onde até então existira, *ao menos*, disciplina e desordem. E até hoje, salvo os uniformes á Bulgara, os batalhões de salafrários, e as propagandas democraticas e eleiçoeiras dentro dos quarteis nada mais tem feito. Armamento de infantaria, se ainda o tem..., é o da velha monarchia: deve-se ao general Pimentel Pinto. E se esse armamento em muito bom estado não estiver, agradeçam-o ao sr. coronel Barreto que, com a sua *magnifica* polvora sem fumo, se tem encarregado de arrancar as estrias ás espingardas, fazendo-as voltar magicamente ao tempo da *alma liza*. Metralhadoras *Maxim* e artilharia *Canet*, se as teem, são as da velha monarchia. Ao general Pimentel Pinto ainda se devem. Material de mobilisação, para uma divisão pouco mais ou menos, se o teem, é o da velha monarchia. Deve-se ao coronel Vasconcellos Porto. Se a defeza maritima

de Lisboa algumas fortificações tem, aos ministros da guerra da monarchia se deve. Soldados não os teem, e devem-o a si proprios.

— Mas vamos a precisar o assumpto.

— Em resumo não quero tropa para guardas, para piquetes de prevenção, para policia de eleições e de arraiaes...

— Então quem quer você encarregar d'esses serviços?

— A' Guarda Municipal, (espalhada por todo o paiz, mas de forma bem diversa da que elles organisaram a sua Guarda Republicana) e a policia convenientemente reorganisada e militarisada. Voltando á nossa: após os seis mezes de recruta que não passam de uma iniciação, o soldado *está prompto* mas é *para aprender*. Instrucção militar, pois e só instrucção militar durante o seu tempo de serviço; *trêno* e exercicios — a vida de quartel e de campo, em tudo quanto elle tem de mais elevado, de mais patriotico e de verdadeiramente grande.

A tradicção.

— Quer dizer: você não quer tropas de parada?

— Não é bem isso. Desejo mesmo um exercito com apparencia exterior, com paradas, formaturas e cerimonias decorativas, mesmo. O exercito não póde prescindir d'essas exterioridades: nem no uniforme, nem nas cerimonias que fazem parte da educação militar e que tanto contribuem, na sua devida proporção, para o seu prestigio.

— Um exercito aguerrido e bem municiado mas maltrapilho, quer parta para uma parada quer marche para uma batalha, não despertará a menor fé nem o menor enthusiasmo nas multidões, que tanto se deixam impressionar pelas exterioridades.

— Sim, lá trópa de farpélla rôta, esmaltada e de alpargatas, só... para Escolas de Repetição. Veja você as espectaculosas revistas de Vincennes n'esta democratica França. Ainda o anno passado, na *revue de Printemps*, quando a infantaria deu a carga, direita ás tribunas, toda aquella multidão se ergueu n'um impulso de enthusiasmo, pelo soberbo quadro *d'entrain* das tropas francêzas, que simulavam um combate na *pelouse* de Vincennes.

— Em materia militar tudo tem importancia. Se *a guerra* é, como dizia Bonaparte, *a sciencia dos detalhes*, a organisação de um exercito é o sommatório de todas essas pequenas coisas que se prendem com a moral das tropas, até á *tenue*, o Garbo, a *mise-en-scéne*.

— No uniforme, o culto devotado da tradicção, e não esse incessante folheár dos figurinos militares extrangeiros. Temos passado a vida a macaquear o fardamento francêz, o fardamento italiano, o prussiano, o hespanhol, e hoje uma *mixorofada* de fardamento bulgaro, de francez, e italiano.

— Como se escolhia em Portugal o typo de uniformes?

— As commissões eram, e são, sempre constituidas por meninos bonitos que raro sabiam, e sabem, o que é a vida regimental. Um descobria lá n'uma gravura um bonet francez, cheio de galõesinhos; via-se já com o ornamento na cabeça, nas tardes ostentadoras da Avenida; e, dizia com os seus botões amarellos: — « *Ai! que bonito que eu devo ficar com um bonet francez!* E, zás, lá ia para o plano de uniformes, o bonesinho á franceza. Não vamos mais longe. Quando se proclamou a Republica, em Portugal, por affinidade jacobina, o primeiro cuidado dos nossos Martes foi adoptar o *bonet* francez. Ora o

bonet francez é condemnado por todos os exercitos, por ser pesado, por empoçar a agua na cópa, e até pela fórma pouco bellica, ridicula.

— E porque o conserva a França?

— Por conservar a tradicção. Debateu-se a questão, e o bonet ficou, porque, apesar de tudo, a Republica franceza não faz taboa raza da tradicção nacional. Agora veio o *bonet* á bulgara, e a góla côr de melão. E ainda tenho esperanças de ver um dia o sr. coronel Barrêto com o chapéu mexicano, afunilado como telhado de pagóde chinez. Devia ficar bem á sua marvotica mascara de «*Huerta*-sem-fumo».

— Temos tudo a pedir arrumação.

— Mesmo que as circunstancias não mandassem a restauração das unidades de caçadores, uma d'ellas — batalhão ou regimento — devia ser novamente creada, como herdeira d'esse seculo de gloria que vem das *guerras da Peninsula* até ás campanhas de Gaza e dos Namarraes. Só a paixão sectaria poderia atirar isso tudo, para o lado, com um traço de penna. E o que digo para os caçadores, repito-o para a Infantaria, e para a Cavallaria, inclusivamente a renovação das antigas designações nominaes dos regimentos, — *Granadeiros da Rainha*, o «2 de Infantaria», *Regimento de Lippe*, o 1 de Infantaria; *Regimento de Gomes Freire*, o 4; *Dragões de Chaves*, o 6 de cavallaria, etc.

— E a respeito das Milicias?

— Sobre essas dir-lhe-hei apenas que devem ser organisadas seguindo-se o recrutamento regional, constituindo-se unidades approximadamente correspondentes ás pequenas divisões administrativas do paiz, e harmonisando-se a instrucção militar das Milicias de modo a não prejudicar a vida rural.

Missão Extrangeira no exercito.

— Acha que para reconstituirmos o nosso exercito, precisaremos do concurso de officiaes extrangeiros?

— Não sei. Eu já sahi do paiz, faz, em 16 de maio, 3 annos. De modo que desconheço talvez o meio. Mas ou as apparencias illudem muito, ou ... só um general extrangeiro ou só uma missão extrangeira conseguirá desempenhar-se bem da dura *besogne* que ha a fazer ... Não lhe digo isto porque ignore que temos officiaes muito competentes, muito distinctos, muito disciplinadores, animados da melhor vontade de *bem servir* — quando se sintam appoiados. Mas ao nosso corpo de officiaes, falta-lhe, hoje em dia, aquella força moral, aquelle expirito de continuidade, que é preciso. Aquillo é uma *casa mal arrumada:* alguns moveis bons, mas atirados disparatadamente para aqui e para além. Desorganisar, indisciplinar, demolir, propagandar, é muito facil. Mas pôr tudo outra vez nos seus logares, fazer mandar quem deve mandar e obedecer quem deve obedecer ... isso agora! Para mim, não ha acto nenhum de audacia, de bravura ou de serenidade, no campo da acção, ou em campanha, que valha o risco a que se exporá um commandante de regimento, que amanhã vá disposto a *commandar a valer*. É um risco de todas as horas, de todos os dias, de todos os instantes! E' uma *bravura* a frio, essa de *fazer cumprir*, sem fraquezas, e de disciplinar com bom senso e sem hesitações, a de *punir* sem mêdo e a *direito*, emfim, a de pôr tudo outra vez no logar que lhe compete. Olhe o caso do Coronel Gil, no 29, de Braga! Rendeu-lhe um tiro na barriga... E haverá hoje algum official que se atreva a esta rude *tarefa*, sem se sentir ap-

poiado, por alguem que tenha força — a boa força, a sã força?! Não sei... Depois, a politica está profundamente infiltrada no nosso organismo militar — e é preciso varre-la por completo: Qual officiaes carbonarios!... qual officiaes *maçons*, qual delactores sem galões! Isso pode lá ser! E restaurada a Monarchia, não teremos nós o espião, o delactor azul e branco a render o espião e o delactor verde-rubro? Para mim tão repellente é um como o outro... Se, pois, tanto for preciso, *se tanto for preciso*, que venha o general extrangeiro, e que venha a tal missão extrangeira. Idos de fóra, elles certamente irão alheios á nossa politica interna, e estarão em optimas condições de imparcialidade, de justiça, e de independencia para aquilatar cada um pelo que vale. Depois que vergonha ha em que officiaes extrangeiros nos venham ensinar os modernos progressos da *arte da guerra*. Veja os serviços do general Eidoux e da sua missão de officiaes francezes na Grecia. E você lembra-se decerto do exercito grêgo de Larisse e do Pronunciamento de Athenas. Em S. Paulo, no Brazil, lá estão officiaes francezes. A Turquia — e a Turquia é tambem, como nós, um paiz de magnificos officiaes e magnificos soldados, — lá teve Von der Goltz, e lá teve Von Sanders. Que vergonha ha, pois, n'isso? E nós, não sahindo de casa, não tivemos Schomberg, não tivemos Lippe, não tivemos Beresford? E que grandes serviços, principalmente estes dois ultimos não nos prestaram? Leia *Atravez das ordens de Beresford*, de Silva Villar, e verá a alta acção moralisadora, disciplinadora e benefica, que desempenhou o marechal inglez entre nós.

— Então você quer extrangeiros a commandar o nosso exercito?

O Rei, chefe de guerra.

— Perdão! fixemos principios. Commandante em chefe, segundo os verdadeiros principios nacionaes, *só o rei*, na altissima concepção allemã, do *chefe de guerra*, que tem o seu major general, o seu chefe de estado maior, o seu quartel general, entidades por intermedio das quaes elle, e só elle maneja o exercito fóra e acima dos interesses dos partidos e segundo o verdadeiro interesse nacional. As questões militares, isto é, a defeza nacional teem de estar absolutamente independentes das especulações parlamentares.

— E' a boa doutrina monarchica, isto é, nacional!

— Só assim o exercito poderá progredir e a defeza nacional estar assegurada por espirito de continuidade. Aos officiaes extrangeiros distribuir-se-hia a missão de *inspectores*, de *instructores* e de *educadores*. Caber-lhes-hia, além d'isso, o papel de disciplinar e preparar o exercito para a guerra, sobretudo a grande missão de *fazer cumprir*. Quanto ao resto, organisação, altos commandos, etc., embora elles fossem ouvidos como technicos competentes, isso seria comnosco.

— E se o rei não fôr um militar?

— Tem de o ser! manda-o a tradicção. Foi um audacioso chefe de guerra Affonso Henriques; chefe de guerra o foi D. João I; soldado audacioso foi o D. Sebastião; D. Pedro IV chamou-se o *Rei soldado*, como o *Rei soldado* deveria cognominar-se El-Rei D. Carlos. O Rei é a sagrada encarnação da Patria, e a Patria tem a tradicção guerreira!